



## **SOBRE A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO CARNAVAL DE BELO HORIZONTE**

Luiza Leopoldino Blanco<sup>1</sup>  
Renata Filippetto Oliveira<sup>2</sup>

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo geral compreender como se dá a relação do Carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte. O problema de pesquisa surge a partir da metamorfose do espaço urbano da metrópole durante o Carnaval, analisando a festa ocorrida em 2017. Este artigo é parte da discussão do trabalho teórico desenvolvido para o trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Ao desenvolver o tema, para esta pesquisa foram realizadas entrevistas e questionários para a análise do Carnaval de 2017 na cidade de Belo Horizonte, com intuito de registrar o ponto de vista da Empresa de Turismo Municipal e dos Blocos de rua. Este artigo, em seu cerne, trata da cidade como espaço influenciado diretamente pela festa

**Palavras-chave:** Espaço urbano; Carnaval de Belo Horizonte; Ocupação urbana.

### **Introdução**

O objetivo geral deste trabalho é estudar o impacto causado pelo Carnaval de rua na ocupação do espaço urbano: a metamorfose do espaço urbano de BH durante os dias de folia.

De forma literal, o significado de Carnaval, segundo Pinto (2017), vem do latim: Carnis Levale ou retirar a carne. Nome de referência ao período de quaresma onde o jejum e o controle de desejos carnisais estão ligados, antes mesmo do nascimento de Cristo. A Igreja Católica passou a ver a comemoração do Carnaval com “maus olhos”, pois propondo a inversão de papéis para os homens – que se vestiam de mulheres - se pensava inverter também a condição de Deus e do Demônio ainda segundo Pinto (2017).

---

<sup>1</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo.

<sup>2</sup> Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.



A visão do Carnaval em união com seus foliões e pessoas envolvidas dentro do espaço urbano e sua apropriação do espaço público como uma unidade é fio condutor desta pesquisa. O carnaval é catalogado como festa espontânea dentro do espaço urbano de BH e traz a combinação de pessoas e espaço como composição de um cenário único.

O espaço público da cidade de BH, neste trabalho, será tratado como espaço urbano diante de sua posição dentro de uma metrópole brasileira. A ocupação deste é feita por qualquer pessoa que permaneça em espaço público e urbano, ao tratar de pessoas este artigo não se delimita em um único público - pelo contrário - engloba além dos moradores da cidade, trabalhadores de outros municípios, visitantes, foliões, carnavalescos, o público da cidade de BH em geral na data estabelecida pela comemoração.

### **Metodologia**

A metodologia adotada foi coletar informações sobre o evento de 2017 por meio de entrevistas, que sinalizaram a percepção das pessoas com relação a cidade e ao Carnaval de rua. Também compreender a contribuição de órgãos municipais para que o Carnaval possibilite a experiência do folião com a cidade, além de conhecer e registrar o planejamento e inspirações dos blocos de rua e seus bastidores. Contribuindo para o entendimento da festa como interlocutora da cidade e as pessoas presentes em seu espaço. Foram referências teóricas autores como Richard Sennett (1943), Henri Léfèbvre (1970) e Jane Jacobs (1961), José Carlos Sebe (1986) mas a monografia que originou este artigo destaca-se por ser coleta de dados e análise inédita sobre o Carnaval de Belo Horizonte (BH) no século XXI (BLANCO, 2017).

As entrevistas foram realizadas com integrantes dos Blocos de Carnaval escolhidos - todos estes selecionados por promover dentro da comemoração questões políticas, sociais e urbanas - além de entrevistas direcionadas a Órgãos da Prefeitura que possuem ligação direta com a organização do Carnaval dentro da cidade. E para tornar a pesquisa válida, foi necessária a escolha de uma técnica de análise, no caso observação direta intensiva, que consiste na observação direta aliada a entrevistas para garantir a veracidade dos fatos. A observação permite que se estude uma variedade de fenômenos diferentes por meios diretos e satisfatórios, onde o observador consegue lidar com diversas situações sem barreiras impostas, permitindo a ele a coleta de dados sobre um conjunto de



comportamentos típicos de uma só vez. Assim dependendo menos da reflexão, parte diretamente ao ponto, a análise da situação em questão (MARCONI, 1983).

Dentro das tipologias existentes para entrevistas a escolhida para a elaboração destas apresentadas a seguir foi a “entrevista padronizada ou estruturada”, que consiste na formatação de um roteiro prévio com perguntas já determinadas, assim pode ser aplicada a pessoas selecionadas de acordo a um perfil de comparação em comum.

## Resultados e Discussões

No ano de 2017, a cidade recebeu o maior Carnaval de rua da história, com 350 blocos em 416 desfiles desde o pré-carnaval até o fim da comemoração. Com cunho de luta política forte, bateu o recorde de público e ocupação do espaço urbano na cidade, com tendência a continuar crescendo nos anos seguintes como dito pelo Diretor da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte – Belotur - Gilberto Castro em entrevista.

Diante do crescimento do Carnaval na capital de Minas Gerais os impactos causados pela festa formaram um dos pontos analisados por este artigo. Com uma crise financeira em todo o país, algumas das cidades mineiras não conseguiram patrocinar suas festas e com isso, o público em busca de Carnaval com baixo custo pode optar por Belo Horizonte (BH) – a cidade também contou com a visibilidade e interesse sobre o Carnaval de rua como Manifestação Artístico Cultural (MAC) e grito político como potencial para atrair turistas.

Para compreender mais ampla e abertamente o funcionamento do Carnaval é necessário saber primeiramente que esta festa sai às ruas na cidade de BH, não como evento, mas sim como MAC prevista pelo Art. 5, inc. XVI da Constituição Federal de 88 (BRASIL, 1988) que diz:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente.



Categorizado de tal forma, é uma manifestação livre de alguns encargos ligados à estrutura física, as quais devem ser supridas majoritariamente pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH). Ocupações do espaço urbano - quando classificadas como evento - acarretam, além de custo alto para acontecer, maior quantia de infraestrutura fornecida direta e obrigatoriamente pelos organizadores.

Com a atração de público chegando à cidade, um maior fluxo de pessoas ocupa a capital mineira em busca de blocos de rua. Desta forma o uso do espaço público a favor das pessoas cresce e com ele o interesse em ocupar o espaço urbano, não só durante o Carnaval como no decorrer do ano. Praças e parques ganham novo uso como espaço de ensaio de muitos Blocos, as ocupações urbanas podem contar com o volume de pessoas e bateria de alguns destes em manifestações dentro e fora das datas da festa. Assim estas pessoas percorrem locais que não procurariam frequentar normalmente em rotinas diárias, criando uma relação mais direta com o espaço urbano por meio do Carnaval e suas influências.

Com a chegada de um novo fluxo de pessoas na capital, para que a organização da festa seja efetiva, a Belotur e PBH lançam um edital anual para o cadastro dos blocos de rua, tornando possível verificar se o trajeto é compatível com o tamanho do bloco, seu trio elétrico, caixas de som e outros fatores de viabilidade técnica.

Com o objetivo de garantir a viabilidade junto com a segurança de todos no bloco, tendo em vista que os trajetos são decididos por eles, exigências vindas do Corpo de Bombeiros da cidade.

Segundo Gilberto Castro, diretor da Belotur em entrevista, a cada ano que passa, os blocos se mostram mais “antenados” nas questões de segurança e viabilidade técnica, sendo solícitos às decisões tomadas por questão de segurança, apesar de possíveis mudanças de trajetos, diante dos problemas que a PBH exemplifica.

Existem trajetos de alguns blocos que não podem ser feitos sem excluir uma linha de ônibus, impactando a cidade toda. Algumas rotas impedem o trânsito de ambulâncias, as associações de moradores pedem silêncio com antecedência, e outras diversas situações são passíveis dentro da organização do evento.

A noção do impacto causado pelos blocos no espaço urbano, vem com a visão de Belo Horizonte como um todo e usando este discernimento, os blocos, estão mais abertos a alterações de rota e demais mudanças necessárias.



A partir deste fluxo recém-chegado à cidade, os comerciantes, bares e vendedores ambulantes se preparam para faturar durante os dias de festa. Se programando com antecedência, os ambulantes, ficam atentos ao cadastro disponibilizado pela PBH, veem o Carnaval como uma oportunidade de renda. Os comerciantes buscam se informar diretamente com os Blocos de rua locais, para saber sobre datas, percursos e horários de abertura para atender ao público.

O setor de serviços não fica para trás, a PBH, Belotur, Polícia Militar (PM) e o Departamento de Transportes de Belo Horizonte (BHTRANS) se preparam com antecedência para poder disponibilizar à festa banheiros, rotas, transporte de trios elétricos pelas ruas da cidade, segurança e sinalização adequada para possíveis desvios, afinal o maior fluxo de pessoas acarreta outra hipótese: a economia local ganha maior movimentação.

Com o crescimento da procura por Blocos de rua, proporcional ao número de Blocos novos na cidade, mais uma hipótese é sustentada: as pessoas percorrem diferentes trajetos dentro de BH conhecendo melhor a cidade em busca de Carnaval. A Belotur se posiciona como mediadora diante dos novatos para decidir trajetos e rotas mais afastados da zona central evitando a colisão entre Blocos. Esta diversidade de trajetos dentro da malha urbana, a tradição de pular de bloco em bloco cai, direcionando o folião para o Bloco escolhido e evitando grande aglomeração de pessoas sem ligação com ideologia destes, além de gerar menos confusões dentro dos trajetos escolhidos e proporcionar um Carnaval mais confortável e estruturado a todos. Com as rotas principais em mãos os foliões podem conhecer novos blocos e, como bônus, a cidade de BH.

Para organizar tantos fluxos dentro da cidade, no ano de 2017, além do cadastro que já era feito anteriormente existiu o uso de uma ferramenta de apoio para que fosse possível a visão 360° do Carnaval por todos os envolvidos, desde os órgãos públicos até o consumidor final, no caso os foliões.

A plataforma escolhida para apoiar esta ideia foi a *Keyhole Markup Language* (KMZ), disponibilizada pela *Google* gratuitamente e disponível na internet para uso cruzado com o *Google Earth*, possibilita a realização de mapeamentos por camadas, sobrepondo informações de diversos tipos em um só programa. Desta forma, é possível ter o Carnaval mapeado por dia, desde o pré-carnaval até cada dia específico da folia, além de postos



policiais, ambulatórios pela cidade, rotas de ambulância (as quais não são interditadas), banheiros químicos e desvios de linhas de ônibus.

Dividida em regionais, a plataforma possibilita também a separação da cidade em bairros distintos ajudando na análise local. Afinal, nenhum dos órgãos envolvidos na organização possui folga nos dias de folia. O uso de câmeras instaladas na cidade para o mapeamento é um aliado, alguns blocos são monitorados diretamente pelas câmeras por equipes de apoio posicionadas em postos dentro da cidade.

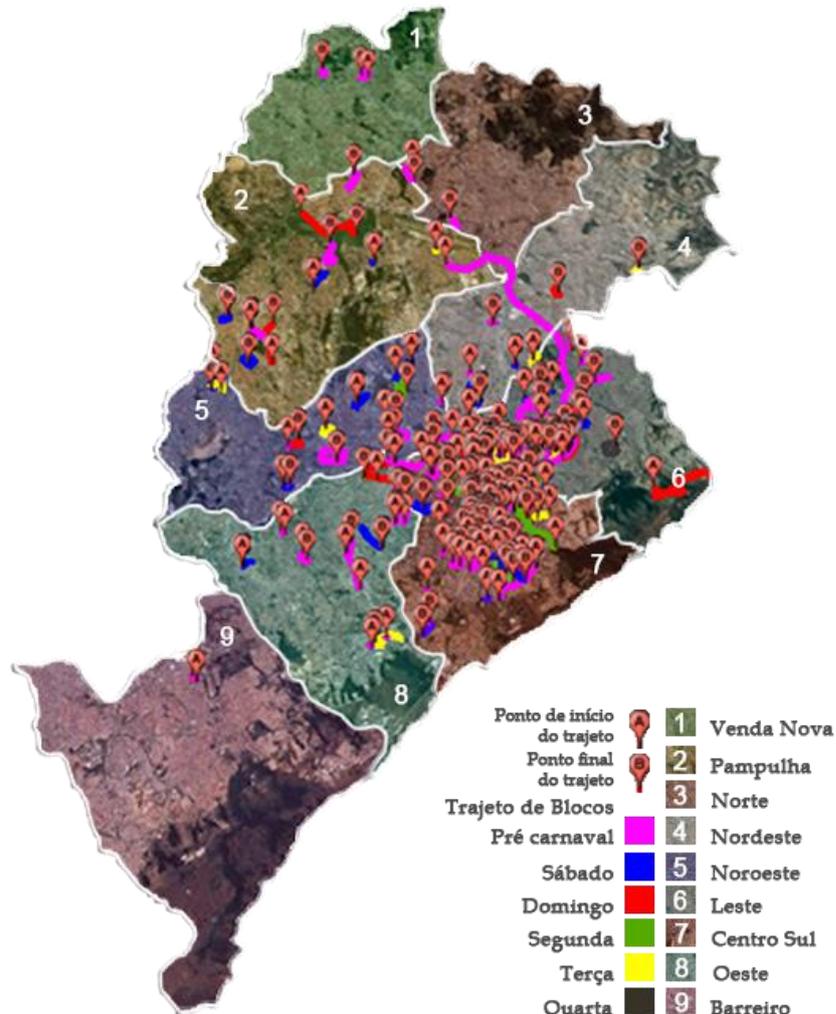
Com o uso do KMZ a diretoria da Belotur conseguiu ver a cidade como uma única massa em todos os aspectos. Os problemas de todos os órgãos eram mostrados em uma só tela de computador, otimizando o trabalho de todos.

Os mapas feitos com o auxílio do KMZ não podem ser fornecidos diretamente no formato proporcionado pelo programa, pois contém informações sigilosas do planejamento da festa e de blocos e todos os envolvidos. Diante desta situação a análise do Carnaval será feita sob os mapas dos trajetos de blocos de rua dentro da grande Belo Horizonte como um todo, os seguintes mapas foram modificados pela autora para melhor compreensão de dados.

Ao todo, no ano de 2016, duzentos e quatorze blocos circularam pela cidade em duzentos e cinquenta e sete desfiles entre os dias de Carnaval e o pré-carnaval (CARNAVAL DE BH, 2016), no mapeamento do ano de 2017 é possível ver além de uma pulverização inicial o acréscimo de quase cento e quarenta blocos (FIGURA 1).



Figura 1 Mapa do Trajeto de Blocos durante o ano de 2016

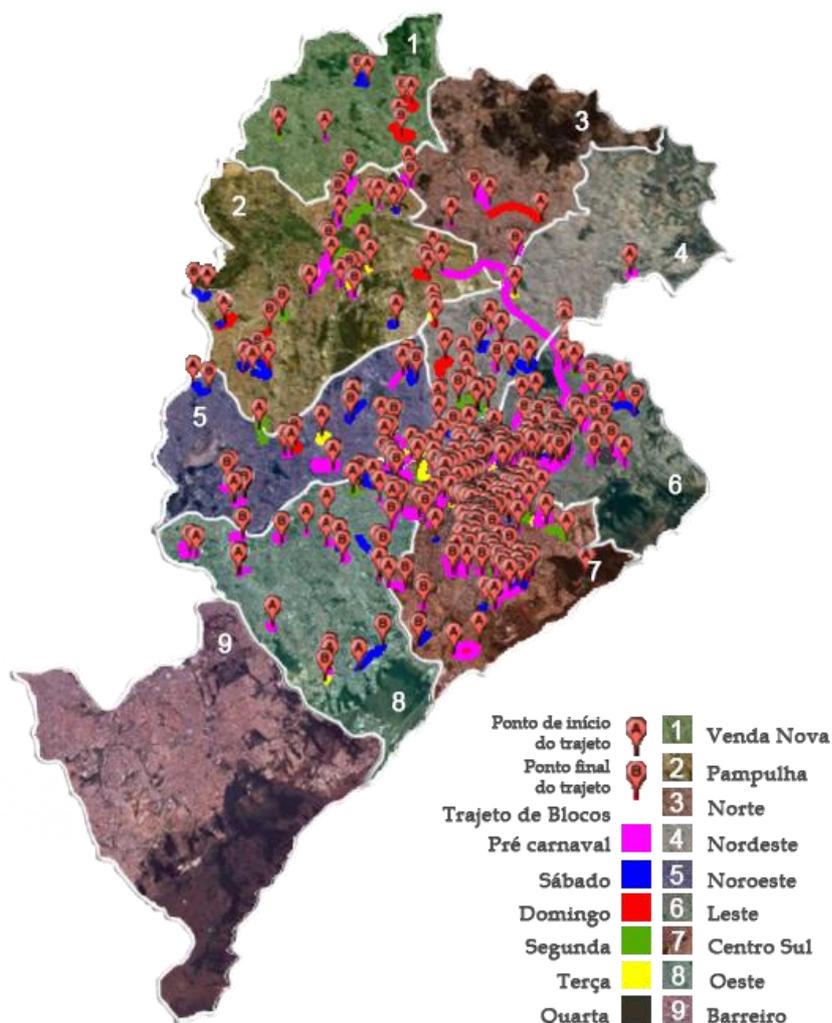


Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em fornecida pela Belotur, 2017

Ao todo, no ano de 2017 (FIGURA 2), cerca de trezentos e cinquenta blocos saíram as ruas de Belo Horizonte, segundo Gilberto. Essa grande movimentação tende a aumentar no ano de 2018, com mais blocos surgindo dentro da cidade a Belotur se prepara para o Carnaval com desejo de descentralização no ano que terá em seu cronograma um dos primeiros blocos de rua na Regional do Barreiro.



Figura 2 Mapa do Trajeto de Blocos durante o ano de 2017



Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em fornecida pela Belotur, 2017

Diante do crescimento do Carnaval de rua, o grande fluxo de turistas dentro da cidade e uma Belo Horizonte com grande parte de sua malha urbana ocupada, buscar confirmação por meio de entrevistas que sinalizaram a percepção das pessoas com relação a cidade e ao Carnaval de rua foi necessário. Também compreender a contribuição de órgãos municipais para que o Carnaval possibilite a experiência do folião com a cidade, além de conhecer e registrar o planejamento e inspirações dos blocos de rua e seus bastidores. Contribuindo para o entendimento da festa como interlocutora da cidade e as pessoas presentes em seu espaço.



O aprendizado para preparar um Carnaval de rua chegou no ano de 2017 com os pontos fortes e fracos da festa em 2016. Com as informações colhidas pela PBH, juntamente com a Belotur e a Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (Prodabel), desenvolveu um aplicativo para a festa com direito à rota dos blocos formada com o auxílio do KMZ. Dentro da plataforma, também foi possível checar localização de banheiros químicos, postos de polícia e ambulatórios disponíveis para os foliões (BELOHORIZONTE.MG.GOV, 2017).

Diante deste processo de aprendizado recente apesar de sua estrutura como festa já possuir uma idade considerável, é importante notar que o Carnaval como festa de rua dentro de Belo Horizonte atraindo tanta visibilidade é algo novo para todos. A capital mineira teve que se adaptar e começar a ver a comemoração com outros olhos, para assim tornar possível a vinda destas pessoas para festejar mais confortável possível como dito por Gilberto Castro (2017):

Ai que mora o grande desafio do carnaval. [...] no rio de janeiro os moradores[...] entendem que se não saírem da cidade não conseguirão viver estes dias sem as festas, [...] em BH não, [...] as pessoas estão assimilando esse processo, acho que cada vez mais e essas pessoas fazem parte do nosso planejamento.

Belo Horizonte chegou a comportar 3.000.000 milhões de pessoas, entre elas 600 mil turistas que participaram dos blocos de rua e comemorações típicas na cidade em 2017 (G1, 2017). O evento demonstra crescimento de cerca de 53% de turistas em relação ao ano de 2016 (BELOHORIZONTE.MG.GOV, 2017), como foi possível notar na análise de mapas feita anteriormente.

A relação existente entre eventos de rua e a cidade é algo explícito assim como o uso do espaço para se manifestar diante de cidades tão mutáveis tem feito com que as pessoas conheçam melhor o ambiente onde vivem, suas fragilidades e necessidades, é algo proporcionado pelo Carnaval como comentado por Márcio Gabrich produtor do Bloco “Garotas Solteiras” (2017), “Primeiro a gente já está na rua e tentamos sempre aproveitar ao máximo o espaço público, muita gente não tem essa conexão com a cidade andando a pé”.

A consciência do uso do espaço público parece algo simples, mas ao longo do tempo todos na cidade começam a perceber mais que isso, ocupar é mais que uma forma de ver BH de outra maneira (Marcela produtora do Bloco Juventude Bronzeada, 2017):



A nossa consciência de ocupação do espaço público cresceu muito depois disso, as pessoas têm realmente uma visão muito diferente da cidade durante o carnaval. Muita gente vai onde nunca foi, pessoas dispostas a descer dos carros e quando você está realmente usando a cidade começa a perceber a carência em alguns assuntos.

Ocupação gera o conhecer a cidade, vivenciar o espaço é uma forma de apropriação que gera segurança e perceber que o uso da cidade é coletivo, ao longo do tempo, torna as pessoas mais confiantes em usar seu espaço (JACOBS, 1961). Assim como comentado por Jordana Menezes em entrevista (2017), o legado trazido por eventos que ocupam o espaço urbano - como o Carnaval - ecoa durante todo o ano trazendo para o público a noção que o uso coletivo de praças, parques, ruas e ambientes proporciona uma vivência diferente do cotidiano.

Para tornar esta ocupação possível é necessário que existam dentro das cidades zonas de acesso, como apoio para a circulação de pedestres, não somente de carros e veículos de transporte público, o que favoreceria o uso homogêneo da cidade no Carnaval e também fora dele.

Incentivar a ocupação com a descentralização da festa se tornou um ato político dentro de alguns Blocos. Nestes últimos anos, também é uma preocupação da PBH e Belotur para tornar mais tranquila a disposição de rotas dentro da cidade, sejam estas de ônibus, carros, ambulâncias ou pessoas como dito por Gilberto Castro (2017):

Mas a nossa expectativa, e desejo, é de descentralização. Esse ano fizemos um edital de som tentando aproximar um pouco da realidade dos blocos de rua, neste por exemplo o bloco descentralizado tinha pontuação maior que o restante, até para que possamos oferecer um carnaval para a cidade como um todo.

O desejo de manter a festa com maior qualidade dentro de BH apesar dos desafios estruturais para Blocos com crescimento expressivo em poucos anos, trouxe também para a gestão o desejo de se envolver e propor melhorias como suporte para os blocos e consequentemente para os foliões, como citado por Jordana Menezes em entrevista (2017). Segundo ela são 350 blocos em juma agenda de 8 horas diárias, sendo dois meses para reuniões entre gestores e blocos envolvidos. A Belotur deseja ouvir as demandas de cada um e busca trabalhar junto a eles desenvolvendo um carnaval de origem espontânea, mas de forma planejada com o corpo de trabalho composto dentro dos blocos por voluntários como dito por Marcela, produtora do Bloco “Juventude Bronzeada” (2017):



Depois dessa instância passamos para bloco que da raça, são as pessoas que vão nos ensaios para tocar com a gente, são os voluntários que aparecem no carnaval para ajudar em algumas funções que precisam de cuidado e já é um número que não dá para estimar muito, mas dentro do possível devemos ser de 200 a 300 pessoas. O restante é composto de foliões, pessoas que não ensaiam mais vão tocar com a gente e a bateria aberta e que neste ano de 2017 foram cerca de 50 mil pessoas.

As novas faces do Carnaval de rua têm se mostrado ao longo dos anos e com elas as pessoas, que organizam, participam, assistem e se envolvem tem se adaptado e visto novos pontos de vista sobre uma única comemoração que já teve cunho de liberdade e hoje reforça a noção do espaço urbano como do cidadão, reafirma a identidade de pessoas como seres políticos e revalorizam o espaço como interlocutor entre as pessoas e a cidade.

### **Considerações finais**

Como abordado ao longo deste artigo, o crescimento do Carnaval como manifestação artístico cultural e como grito político têm influenciado a relação das pessoas com BH. A valorização de uma nova maneira de brincar de Carnaval acarreta para a capital de Minas Gerais, além de maior retorno financeiro, turistas e espaços urbanos mais ocupados durante a festa e fora dela. Além de uma nova visão da cidade como espaço compartilhado entre todos e de uso comum, que cria abertura para apropriação de espaços com maior frequência o incentivo para usar do espaço durante o ano - com ou sem ensaios e oficinas disponibilizadas pelos blocos -retoma a relação direta da cidade com seu cidadão. A conscientização dentro dos blocos de rua cresce com a noção do impacto que causam no espaço urbano em cada ano, sair às ruas para usufruir do espaço urbano de BH - fora de manifestações - em época de festa é um movimento novo que tem crescido, o que mostra que as pessoas veem a rua como possibilidade de lazer e se identificam com o local onde habitam.

Dentro da entrevista com o Gestor da Belotur, foi apresentada a necessidade de um outro olhar sobre o espaço urbano e as pessoas no Carnaval. Confirmando as teorias sobre a centralização da festa na cidade, e também, de sua real expressão e impacto para com maior número de pessoas ocupando o espaço público. Deixar livre, ocupar, mas também cuidar.



Este conjunto de informações pela primeira vez coletadas sobre o tema, assim como a trajetória do Carnaval de rua de BH, é o início de uma investigação sobre como o Carnaval da cidade pode ser o interlocutor entre as pessoas e o espaço urbano, a continuidade desta pesquisa é necessária para além da coleta de materiais agregar valor e entender melhor esta ocupação do espaço urbano de Belo Horizonte.

## Referências

### Livros

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Livraria martins fontes, 1961. 510 p.

LÉFÈBVRE, HENRI. **A revolução urbana**. 3 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1970. 176 p.

MARCONI, Marina De Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1985.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986. 96 p.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 1943. 417 p.

### Constituição

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Brasília. Sendo Federal. 22 set 1988. Disponível em: <  
[http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988/art\\_5\\_.asp](http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988/art_5_.asp)>. Acesso em: 29 set. 2017

### Entrevista

EMPRESA MUNICIPAL DE TURISMO. (Belotur). **Mapas de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2017. Entrevista

### Dissertação

BLANCO, Luiza. Título. Dissertação (Dissertação em arquitetura e urbanismo) – Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Belo Horizonte, 2017.



### Artigos de periódicos on line

BELOHORIZONTE.MG.GOV. **Bh tomada pelo carnaval**, 2017. Disponível em:  
<<http://belohorizonte.mg.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/bh-tomada-pelo-carnaval>>.  
Acesso em: 26 mar. 2017.

CARNAVAL DE BH. **Carnaval de bh 2016 supera público de 1,6 milhão de foliões**, [2016?]. Disponível em:  
<<http://www.carnavaldebelohorizonte.com.br/noticias/carnaval-de-bh-supera-publico-de-16-milhao-de-folios/>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

G1. **Carnaval de bh bate recorde com três milhões de pessoas nas ruas**, 2017.  
Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2017/noticia/carnaval-de-bh-bate-recorde-com-tres-milhoes-de-pessoas-nas-ruas.ghtml>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

PINTO, Tales dos Santos. "**História do carnaval e suas origens**"; *Brasil Escola*.  
Disponível em : <<http://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval.htm>>.  
Acesso em 20 de marco de 2017.